

CAPÍTULO 13 – Sem celular, sem Google Maps, nem Waze...

Angélica Royo

Demorou para sairmos de casa. A expectativa era grande, não tínhamos carro apropriado para tantas crianças. Como eram pequenos, couberam todos no banco de trás.

Naquela época não existiam esses SUVs tão confortáveis, então fomos com um carro pequeno, apertadinho para tanta gente: minha irmã, eu e mais seis crianças.

Eles estavam ansiosos, vocês sabem que não se pode dizer para uma criança que ela vai passear... O erro foi dizer uma semana antes.

Nós da cidade iríamos passar férias no interior e de lá aproveitar as várias atividades de laser com todos os primos juntos.

– É hoje que vamos para São José dos Campos?

– Não, querido, a semana que vem.

– Quando, no início ou final da semana?

– Vamos no final da semana.

– E quando vamos visitar o sítio do Pica-Pau Amarelo?

– Segunda-feira seguinte.

– Obaaaa!

O dia chegou e, como já disse, colocamos os Pedrinhos, as Narizinhos e as Emílias no banco de trás do carro novinho em folha, com todas as travas de segurança e ainda com bloqueio de gasolina contra roubo. Todos protegidos. As crianças, curiosíssimas, nem falavam para não distrair a motorista. Pegamos o caminho em direção a São Francisco Xavier, direita, esquerda, reto, muita consulta ao Guia Quatro Rodas e aos pedestres quando finalmente conseguimos chegar ao sítio, em Monteiro Lobato.

As crianças desceram do carro. Tão ansiosas, já estavam vendo o tio Barnabé, Jeca-Tatu e a Cúca.

– Olhem o saci, gritou um pulando do carro e correndo atrás de uma galinha.

– Cadê a Emília e o sabugo de milho?

– Gente, calma. Cuidado. Não vão se dispersar.

O local, uma calmaria, mas temos sempre que ficar atentos e alertar a criançada, nunca se sabe o que se pode encontrar.

– Aqui no sítio não tem mais visitação, moça. Respondeu o Jeca-tatu, que estava sentado em cima do muro, coçando a cabeça e vendo as crianças invadirem o território.

– Agora o museu para visitas mudou para Taubaté, acrescentou.

– Aqui é particular, só da família do escritor.

As carinhas, que antes eram alegres, murcharam, nós murchamos.

– Bem, gente, o que fazer? Todos no carro, outra hora vamos para Taubaté.

– Eu avisei que o sítio tinha mudado, falava Camila, nossa Emília.

– Por que não ouviram a menina? Vocês duas, hein. Resmungavam os mais velhos.

Quase sem saber o que dizer, prometemos mundos e fundos para aquelas férias que estavam só começando: – Podem fazer um pic-nic na mata, vamos ver um local adequado.

– Podemos parar lá em cima daquele morro, o que acham?

Paramos, fizemos um pouco de hora e seguimos viagem.

Pegamos a saída para a rodovia, mas, por mais que andássemos, não encontrávamos qualquer sinal de que estávamos no caminho certo. Fomos parar no alto de outra montanha com muitas árvores e espaços cerrados. Quando no topo, encontramos um lenhador que nos disse que estávamos no caminho errado.

– Aqui as senhoras vão parar em Minas.

As crianças gelaram, nós gelamos e o carro parou.

Tanque cheio, mas não sabíamos como dar o comando para que ele andasse.

A noite já se apresentava linda e quente com o sol dando adeus para mais um dia e nós no alto da montanha, no meio da mata. – Pessoal, apreciem a beleza da floresta! Vejam, os bichos estão indo para casa, se recolhendo. – E nós, quando vamos embora? Eu quero ir para casa também! – diziam.

As crianças apavoradas, nós apavoradas e, como por obra do Espírito Santo, e Nossa Senhora Aparecida, o carro pegou no tranco, não sem antes todos empurrarem montanha abaixo.

E agora, qual rumo tomar?

Foi quando passou uma moto carregando vários galões de água vazios.

Um deles caiu na frente do carro. Paramos, pegamos o galão e fomos atrás da moto para devolver ao dono. Corríamos e as crianças gritavam – Ele está indo para lá, agora para cá! – Até conseguirmos alcançá-lo.

Dali para frente, tudo foi mais simples. O rapaz, em retribuição, disse:

– Gentileza com gentileza se paga; eu acompanho vocês. Já está escuro e é perigoso andar por essas bandas.

Ele foi na frente e nós o seguimos. Conseguimos encontrar a estrada principal e depois de algumas horas chegamos em São José. Todos cansados, mas com uma história para contar.

Não visitamos o museu do Sítio do Pica-pau Amarelo, mas a aventura ganhou páginas engraçadas do livrinho da sobrinha, nossa Emília, que quis contar para a classe os pormenores de um antigo sítio em Monteiro Lobato.